

LITERATURA MEDIEVAL

Volume II

ACTAS DO IV CONGRESSO
DA
ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
(Lisboa, 1-5 Outubro 1991)

Organização de
AIRES A. NASCIMENTO
e
CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO

EDIÇÕES COSMOS

Lisboa
1993

© 1993, EDIÇÕES COSMOS e ASSOCIAÇÃO HISPÂNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

Capa

Concepção: Henrique Cayatte
Impressão: Litografia Amorim

Composição e Impressão: EDIÇÕES COSMOS

1ª edição: Maio de 1993

Depósito Legal: 63839/93

ISBN: 972-8081-05-7

Difusão

LIVRARIA ARCO-ÍRIS

Av. Júlio Dinis, 6-A Lojas 23 e 30 — P 1000 Lisboa
Telefones: 795 51 40 (6 linhas)
Fax: 796 97 13 • Telex: 62393 VERSUS-P

Distribuição

EDIÇÕES COSMOS

Rua da Emenda, 111-1º — 1200 Lisboa
Telefones: 342 20 50 • 346 82 01
Fax: 347 82 55

O Motivo da Tenda Real na *Crónica Geral de Espanha de 1344*

Elisa Nunes Esteves
Universidade de Évora

«(...) Il chemine tant qu'il aperçoit un pavillon dressé dans une belle prairie près d'un ruisseau coulant d'une fontaine. Il s'émerveille d'une si grande richesse. La tente est d'un côté, d'une étoffe vermeille, verte de l'autre bordée d'orfrói. Au-dessus, à la pointe du mât, un aigle doré, que frappent les rayons du soleil. Toute la prairie est illuminée de sa splendeur.»

Chrétien de Troyes, Perceval ou le Roman du Graal

Difícilmente encontraremos na literatura medieval outra descrição de uma tenda que se compare a esta, em beleza e em significado. Chrétien compõe em poucas linhas os traços que marcam este motivo tópico, quer do romance quer da gesta: o cenário envolvente, a impressão de luxo e riqueza e sobretudo a utópica luminosidade que dela emana. E aqui um nítido motivo idílico, característica que claramente se evidencia quando percebemos, com Perceval, estar esta tenda ocupada por uma jovem donzela que aí dormia. Não é contudo da tenda enquanto motivo romanesco que gostaríamos de nos ocupar por ora, mas sim da sua presença num texto historiográfico de acentuada feição épica: a *Crónica Geral de Espanha de 1344*.

Raramente associada a figuras femininas, a tenda surge na Crónica como um cenário privilegiado da epifania real no exterior do castelo, quer em batalhas, quer em missões de paz. Daí que o carácter mais acentuado do motivo seja aqui o de servir de símbolo do poder, mas também do prestígio e da riqueza, do soberano. De facto, uma única vez o texto nos mostra uma tenda ocupada por mulheres e mesmo aqui o que potencialmente seria um quadro idílico se transforma numa cena de violenta rivalidade guerreira. Estamos a referir-nos ao episódio das bodas de D. Lambra e Rui Vasques e que faz parte da narrativa referente aos sete Infantes de Lara:

«E andou [o Conde Garcia Fernandes] com suas companhas ataa que chegou a Burgos. E mandou hy armar tenda muy noble em que estevesse dona Lambra com suas donas e donzelas, pera veerem os trebelhos que faziam e como lançavam a tavollado.» (III, 113)

D. Lambra, a demoníaca figura de mulher que protagoniza a tragédia dos infantes, está nesta «muy noble» tenda como uma rainha, com a sua corte de «dona e donzelas». Na ausência de mais detalhes descritivos explícitos relativos ao local onde a tenda se ergue, apenas podemos conjecturar. Trata-se talvez do campo próximo dos muros da cidade, já que esse é o lugar próprio dos jogos e dos torneios que ocupam os nobres em tempo de paz¹. Como já dissemos, é a única ocorrência do motivo da tenda com a sugestão de um gineceu, assistindo aos jogos e criando entre os seus participantes uma rivalidade perigosa². A tenda onde estão D. Lambra e as suas acompanhantes, num espaço que é certamente uma variante do jardim ou do prado, compõe um cenário propício à aventura amorosa e à glorificação dos guerreiros que disputam um lugar no seu coração. É ela própria quem diz que «nõ vedarya seu amor a home tam de prol» após ter visto a proeza do primo, Álvaro Sanches, palavras que desencadeiam de imediato um sangrento conflito.

Mas o motivo afirma-se claramente como sinal de poder e de prestígio do soberano em outras ocorrências, que têm em comum com esta o convencionalismo e a brevidade das

descrições. Veremos, quer no seu enquadramento, quer na sua composição, acumularem-se marcas que concorrem para formar a imagem-tipo da tenda real, e que se carregam de sentido com a própria presença dos soberanos no exercício das suas solenes funções. O exemplo mais expressivo que podemos citar desde logo é o da última aparição do rei Rodrigo, a caminho da batalha de Guadalete:

«(...) E elle hya em hũa carreta que tiravam duas mulas muy nobres; (...). E en cima da carreta hũa tenda de pano de ouro que nõ avya par. E, dentro ãna tenda, hya hũa cadeira tam rica e assi boa que nõca homen vyo melhor. E, em aquella cadeira estava el-rei dom Rodrigo; e era tã alta que o mais pequeno homen que hiia em sua hoste o podya ben veer.» (II, 331)

Rodrigo, fazendo-se assim transportar, traz para o exterior os símbolos do poder e do prestígio do soberano presentes na riqueza, na luz e cor do pano da tenda, no luxo e na verticalidade do trono que esta contém, tudo expresso no modo superlativo.

A mesma transferência que transforma a tenda numa variante do espaço palaciano podemos verificar nas descrições que a Crónica nos dá das tendas de dois reis mouros, Unes e Miraamolim. A do primeiro avulta como valioso troféu conquistado pelo exército do Cid às portas da cidade de Valença, após uma dura batalha:

«E fez o Cid levãtar as tendas, que erã muytas sem guisa. E antre todas, foy achada a tenda del rei Unez, que nõca homẽ vyo melhor. E foy hy achado tam grande aver e ouro e prata e joyas e cavallos e armas que esto foy hũa grande maravyilha, ca tres dias poserom eno colher.» (IV, 109)

Como prova de dedicação e respeito, o Cid enviou esta tenda como presente ao rei Afonso VI, que muito a apreciou:

«(...) mandouha logo armar e entrou dentro em ella com todos seus ricos homẽs. E el rei com todollos outros disserom que nunca virõ tenda tam noble. E el rey louvou muito o Cid e todollos seus cavalleiros e gradeceolhe muyto o grande presente que lhe ãviara.» (idem, 110)

A descrição, imprecisa e sintética, faz uso das fórmulas recorrentes do superlativo, visando ainda o elogio dar conta da sua grande amplitude e das riquezas que a tenda contém. Ouro, prata, jóias, cavalos e armas são, com efeito, as maiores riquezas que o imaginário do homem da Idade Média concebe. Por outro lado, esta tenda tem capacidade para instalar o soberano e toda a sua corte. Neste sentido, a tenda de Unes aparece aqui, claramente, como um espaço aúlico, transportado para o campo de batalha, com os atributos fundamentais que no palácio afirmam a majestade do rei: a corte, o tesouro, as armas, os cavalos.

A tenda de Miraamolim destaca-se igualmente pela sua magnificência: «(...) era de seda vermelha e muy ricamente obrada.» (IV, 336) Este é o rei mouro que chefia o exército que se vai opor aos cristãos comandados pelos três reis cristãos da Espanha — o de Castela, o de Aragão e o de Navarra — na batalha de Naves de Tolosa. Antes do início das hostilidades, a Crónica oferece-nos, em acentuado registo épico, uma extensa enumeração dos nobres e clérigos que acompanham o exército cristão, e ainda informações relativas à sua disposição e estratégia. Em relação ao exército de Miraamolim temos referências mais sintéticas às «aazes» e que dão conta sobretudo da posição privilegiada que a tenda do rei ocupa no arraial:

«E, ally onde estava a sua tenda, mãdou fazer hũu curral d'homẽs armados a pee, escudados e legados todos hũus com os outros, com cadeas de ferro por non poderem fugir pero quisessem. E estes que assi eram legados erã per conto çem mil mouros negros e todos tiinham lanças e espadas e adargas. En aquelle curral eram muitos beesteiros e arqueiros. E arredor postos muitos arcos e seetas hũus sobre outros. E estavõ dentro no curral muytos reys e altos homẽs.» (IV, 330)

A guarda pessoal do Africano e da sua corte de «muytos reys e altos homẽs» dispõ-se, como vemos, à volta da tenda, o centro também de um cerimonial religioso que aí terá lugar antes da batalha.

Da imagem-tipo da tenda real instalada junto dos campos de batalha, exibindo as marcas próprias da soberania rica e poderosa, passamos a um outro aspecto que o motivo reveste, em funções também diferentes. Observemos dois extractos que a seguir transcrevemos, o primeiro integrado na chamada história valenciana do Cid, e o segundo na campanha militar de Fernando III, a caminho de Córdova:

«E, quando o Cide soube como viinhã os iffantes, sayos a receber a VI legoas, cõ todallas — suas jentes bẽ guisadas de paz e de/ guerra, e mandou poer suas tendas e hũu prado onde os atendeo.» (IV, 169)

«E avya hy hũu alcaide mouro mui boon cavaleiro e, quando soube como viinha el rey dom Fernando, mandou poer acerca do castello en hũu campo hũa sua tenda preto dhũa fonte. E desi foyo receber. E, depois que el rey este/ve pousado na tenda, levoulhe seus presentes de pam e vinho e carne e cevada.» (IV, 405-406).

Em ambos os casos se trata de missões de paz, mais concretamente de rituais de acolhimento. O Cid acolhe os infantes que farão das suas filhas rainhas, após o ultraje sofrido no primeiro casamento e o alcaide mouro recebe condignamente o rei Fernando III nos seus domínios. Ao carácter pacífico das cenas vem juntar-se, numa redundância significativa, a amenidade do espaço que as envolve: o prado, o campo junto do castelo, perto de uma fonte. E um espaço convencionalmente descrito, para enquadrar cenas de cortesia para com soberanos, recebidos, não no palácio ou no castelo, mas em tendas instaladas num lugar igualmente propício à sua aparição. De facto o palácio e o jardim são os lugares privilegiados para as aparições reais, como nos mostrou Alain Labbé no seu ensaio sobre o tema do rei em majestade nas canções de gesta francesas³. Ora o prado ou o campo contíguo aos muros do castelo são outras tantas variantes do jardim, lugares anenos e espaços de majestade potencial onde se erguem tendas, invólucros luxuosos no meio da natureza fértil e acolhedora.

Dispensando as longas descrições, antes jogando com o efeito da insistência produzido pela hipérbole e pelo superlativo, o nosso texto apresenta a mesma imagem da tenda real que Chrétien pintou através do olhar de uma personagem estonteada pelo seu fulgor e luminosidade. Tudo o que está aqui em solidariedade estrutural reaparece na Crónica em esparsas e fugidias notações. No entanto esta economia de meios é suficientemente eficaz para dar conta do significado mais profundo de que se reveste este elemento recorrente na composição das cenas de exterior que a obra — nos apresenta. Se são raras as descrições, tanto de cenas de interior como de exterior, de paisagens ou de personagens, elas não são nunca inocentes ou indiferentes. Num texto da Idade Média assistimos constantemente a uma sobreposição de sentidos que nos obriga a ultrapassar a sua superfície e a perceber como estão carregados de sentido esses traços descritivos. Assim é com este motivo da literatura medieval, recorrente no texto da *Crónica de 1344*, enquanto cenário específico da constituição da imagem majestosa do soberano.

Notas

¹ Cf. Alain Labbé, *L'Architecture (...)*: «(...) C'est la prairie des jeux et des joutes, des tournois et de la quintaine, parfois traitée comme une sorte de *locus amoenus* guerrier, dont l'herbe drue vient porter la campagne jusqu'au pied même de l'enceinte du château ou de la ville.» (p. 132).

² Esta cena recorda-nos inevitavelmente o romance cortês, particularmente *Erec et Enide* e *Lancelot*. O primeiro abre com uma caçada ao veado branco e a promessa de um apetecível prémio para o vencedor: o

beijo da mais bela mulher da corte. Lancelot, por seu lado, participa num torneio no decurso do qual as mulheres sem marido escolherão um: «(...) aux plus courageux elles accorderont leur amour.»

³ Cf. Bibliografia: LABBE, Alain, (...).

Bibliografia

CINTRA, Luis Filipe Lindley, (ed.), *Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição Crítica do Texto Português*. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, vol. I e II, 1954, vol. III, 1961, vol. IV, 1990.

CHENERIE, Marie-Luce, *Le chevalier errant dans les romans arthuriens en vers des XII^e et XIII^e siècles*. Genève, Lib. Droz, 1986.

LABBE, Alain, *L'architecture des palais et des jardins dans les chansons de geste. Essai sur le thème du roi en majesté*. Paris-Genève, Champion Slatkine, 1987.